



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

MARIA ALDEIZY FERREIRA SILVA

**O COTIDIANO DAS MULHERES NO BRASIL NOS ANOS 50, A PARTIR DA
REVISTA *JORNAL DAS MOÇAS***

GUARABIRA-PB

2016

MARIA ALDEIZY FERREIRA SILVA

**O COTIDIANO DAS MULHERES NO BRASIL NOS ANOS 50, A PARTIR DA
REVISTA *JORNAL DAS MOÇAS***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção de grau de Licenciada em História.

Área de concentração: História Cultural.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Edna Maria Nóbrega Araújo.

GUABARIBA-PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586c Silva, Maria Aldeizy Ferreira

O cotidiano das mulheres no Brasil nos anos 50, a partir da revista *Jornal das Moças* [manuscrito] / Maria Aldeizy Ferreira Silva. - 2016.
26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Edna Maria Nobrega Araújo, Departamento de História".

1. Cotidiano Feminino. 2. Mulheres. 3. Mulher Brasileira. I.
Título.

21. ed. CDD 305.4

MARIA ALDEIZY FERREIRA SILVA

**O COTIDIANO DAS MULHERES NO BRASIL NOS ANOS 50, A PARTIR DA
REVISTA JORNAL DAS MOÇAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção de grau de Licenciada em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edna Maria Nóbrega Araújo.

Aprovada em: 25/10/2016.

BANCA EXAMINADORA

Edna Maria Nóbrega Araújo
Prof.^a Dr.^a Edna Maria Nóbrega de Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Orientadora

Joedna Reis de Menezes
Prof.^a Dr.^a Joedna Reis de Menezes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora

Susel Oliveira da Rosa
Prof.^a Dr.^a Susel Oliveira da Rosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora

A minha estimável e inenarrável mãe, que com seu amor e dedicação de mãe, ajudou-me a realizar o curso de nível superior, tornando “real” o sonho de “ ter uma filha formada”. DEDICO

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, autor e guia dos meus caminhos, que no decorrer de minha existência derramou o seu infinito amor, nos momentos de alegria e dor de minha vida.

A Nossa Senhora, por conceder a sabedoria nas escolhas dos melhores caminhos, coragem para acreditar, força para não desistir e proteção para me amparar.

A minha orientadora Prof.(a) Dr. Edna Maria Nobrega Araújo, pessoa o qual sempre admirei e levarei todos os seus ensinamentos acadêmicos como referência e base para outros espaços acadêmicos.

A todos os professores do departamento de história, que foram contribuinte para o enriquecimento do conhecimento, que hoje levo ao sair desta instituição, no qual mim proporcionou momentos ímpares em minha vida.

A minha irmã, Aldelita Ferreira, a qual sou grata pelo incentivo e atenção dada a mim em todas as fases da minha vida.

A minha Sobrinha, Ana Alice, a qual agradeço todo carinho que tem por mim, e os momentos de descontração nos momentos precisos.

Aos meus avós, Sebastiana- Bastinha e José Antônio- Zé Menino. Por terem sido divisores de água em minha vida, com seus conselhos e ensinamentos.

Aos meus Tios, Ismael Jacinto e Maria do Rósario e seus filhos, Izael Ferreira, Isaiana Angélica e Isaiene Isabel, no qual me acolheram em sua residência, adotando-me como filha e irmã, tendo hoje por eles, um sentimento de eterna gratidão, por tudo que fizeram e fazem pela minha vida.

A todos os meus familiares, que contribuíram de forma direta e indireta para conclusão deste curso, de forma especial agradeço aos meus Primos, André Ferreira, Cicero, Francielly, Franciane, Francenilma, Lucineide, Maely, Nagla, Santana e Vanessa Lima.

Aos meus amigos de turma o qual tive a honra de conhecê-los. De forma especial, aos meus amigos, Lucileide Ferreira, Elton, Juliana Silva, Leyson Silva, Josinaldo Oliveira e Jean Carlos. Dentre outros.

A minha amiga, Maria Liliane Ferreira dos Santos, a qual tenho imenso carinho e respeito. Agradecendo todo seu companheirismo e carinho tido por mim.

Por fim, aos meus amigos do ônibus, por passamos quatro anos na estrada, em busca da realização dos nossos sonhos, de modo especial o nosso motorista Edvan, com a sua inexplicável paciência.

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO -----	06
2- O COTIDIANO DAS MULHERES NO BRASIL NOS ANOS 50-----	07
3-CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	19
REREFÊNCIAS-----	21
ANEXOS-----	23

O COTIDIANO DAS MULHERES NO BRASIL NOS ANOS 50, A PARTIR DA REVISTA *JORNAL DAS MOÇAS*

Maria Aldeizy Ferreira Silva¹

Resumo:

O presente trabalho objetiva realizar uma abordagem sobre o cotidiano das mulheres que buscavam nas revistas dos anos 1950, a exemplo do *Jornal das Moças*, entre outras revistas, conselhos sobre beleza, moda, namoro, noivado e casamento e como se comportar, nos mais variados ambientes que estivessem. Assim, essas mulheres se apropriavam das informações para estarem inseridas nas normas de conduta que a sociedade determinava. As revistas enfatizavam o papel da mulher enquanto rainha do lar e recomendavam que as mães preparassem suas filhas para serem recatadas, boas mães, esposas, e donas de casa.

Palavras-chaves: Cotidiano. Mulheres. Revista.

1. INTRODUÇÃO

Suponhamos que você venha saber, que seu marido a engana, mas tudo não passa de uma aventura banal, como há tantas na vida dos homens. Que faria você?

1. Uma violenta cena de ciúmes?

2. Fingiria ignorar tudo e esmerar-se-ia no cuidado pessoal para atraí-lo?

3. Deixaria a casa imediatamente?

Resposta

- A primeira resposta revela um temperamento incontrolado e com isso se arrisca a perder o marido, que, após, um dessas pequenas infidelidades, volta mais carinhoso e com um certo remorso.
- A segunda resposta é a mais acertada. Com isso atrairia novamente seu marido e tudo se solucionaria inteligentemente.
- A terceira é a mais insensata. Qual a mulher inteligente que deixa o marido só por que sabe de uma infidelidade? O temperamento poligâmico do homem é uma verdade; portanto, é inútil combatê-lo. Trata-se de um fato biológico que para ele não tem importância.

(Carla Basanezi Pinsky)

O trabalho aborda o cotidiano das mulheres nos Anos 1950, momento em que o Brasil vivia a sua ascensão, no que se refere a todos os aspectos sociais, culturais e econômicos. Não seria exagero dizer que o país passava por um processo de “revolução cultural” e em meio a esse processo que ocorria, pairava sobre a discussão de gênero, do “ser homem” e “ser mulher”, “masculino” e “feminino”, para que os homens e mulheres soubessem se portar de acordo com seu gênero. No caso das mulheres, estas deveriam ser “puras”, “moças de família”, “esposas ideais”, e os homens seriam um “bom pai de família”. Se as mulheres

¹ Aluna de Graduação em Licenciatura Plena em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: livianascymentoo@hotmail.com.

fugissem dessas normas, seriam vistas como “putas”, “levianas”, e os homens, não exercendo a sua virilidade, eram considerados “homossexuais”. Era uma época em que se vivenciava o progresso, mas muitos conceitos relacionados ao gênero permaneciam arcaicos. Assim, ressaltamos Pinsky: “O Gênero, portanto, refere-se tanto às ideias que têm como referência a diferença sexual e que servem de base para outras interpretações do mundo quanto às práticas sociais orientadas por essas ideias” (PINSKY, 2014, p. 11).

O trabalho procura abordar o cotidiano de mulheres que buscavam nas revistas da época, a exemplo do *Jornal das Moças*, “*O Cruzeiro*”, “*Sensações*”, “*Vida Domestica*”, “*Claudia*”, entre outras revistas, os padrões de beleza e o que estava na moda no momento, bem como os conselhos sobre namoro, noivado, casamento e como se comportar nos mais variados ambientes que estivessem. Assim, essas mulheres se apropriavam destas propagandas para estarem inseridas nas normas de conduta que a sociedade determinava, mas salientando que a mulher neste momento já buscava o seu espaço no mercado de trabalho em busca da sua liberdade.

Este trabalho parte do anseio de abordar sobre as mulheres que deixavam serem influenciadas pela mídia. Para a construção deste artigo, realizamos as pesquisas na revista *Jornal das Moças*, diante da disponibilidade de pesquisa e facilidade de acesso.

2- O COTIDIANO DAS MULHERES NO BRASIL NOS ANOS 50

A revista *Jornal das Moças* foi fundada por Agostinho Menezes, sob a direção de Álvaro Menezes na cidade do Rio de Janeiro, no qual ficava localizada a oficina na Rua Euclides da Cunha, no Edifício próprio da revista nº 106. A redação e administração se encontrava na Av. Rio Branco, 31, no 1º andar, tendo o seu primeiro lançamento no início do século XX, mas precisamente no dia 21 de maio 1914, no qual a sua última publicação ocorreu no ano de 1965. Por motivos financeiros, a mesma deixou de ser publicada, o que ocasionou o “entristecimento” das mulheres, que esperavam ansiosas semanalmente, para obter em mãos, a revista publicada sempre nas quartas-feiras, que se pautava em assuntos voltados para elas.

Foram quase 56 anos de publicações, sempre a fazer publicação voltada para a moda, cuidados da casa, filhos, esposo, com a beleza, saúde e higienização, fazendo propagandas de produtos rejuvenescedor, como também nas páginas das revistas trariam conselhos para namoro, noivado e casamento, norteados as mulheres como se comportar nos ambientes com seu acompanhante. Dentre outros pontos, destacavam-se publicações sobre culinária, cinema,

tecnologia-eletrodomésticos, novela, radio e TV. Para uma melhor compreensão da variedade de temáticas abordadas, explicitamos algumas capas das revistas utilizada para realização deste trabalho. (Ver Anexos).

Trata-se de um momento em que o país vivenciava os Anos Dourados e junto vinha também o processo de mudança da sociedade, que deixava ser influenciada pela mídia, construindo novos hábitos e costumes, de modo que o governo se apropriava da mídia para propagandear um novo país, transparecer uma nova imagem, em que tudo estaria excelente após uma guerra. A mídia fora de suma importância para transfiguração desta imagem, pela qual o Presidente JK desejava transparecer aos brasileiros. Assim nos faz ressaltar Michel Certeau no momento em que aborda em seu livro *Invenção do cotidiano*.

Para tanto, o autor nos faz refletir sobre os Anos 1950, em relação as metodologias utilizadas pelo governo, com o intuito de construir uma racionalização em massa através desta mídia. O atual presidente, à época, Juscelino Kubistchek, utilizou-se de todos os artefatos para que viesse progredir o Brasil, até então considerado arcaico, se equiparando aos países desenvolvidos.

O Brasil nos anos 50 tivera o seu marco dos anos Dourados, momento este em que o país buscava construir a sua identidade, em pleno governo de Juscelino Kubitschek. Era a restauração do Brasil. Brasília, a nossa capital, estava sendo construída pelo presidente Juscelino Kubistchek, que tinha como proposta desenvolver o Brasil cinquenta anos em cinco anos. De fato, o mesmo consegue alavancar o país com a construção de ferrovias, o aumento de polos industriais e *design* inovador na edificação de Brasília. Suas ideias inovadoras, influenciadas pelos Estados Unidos, fariam com que o Brasil desse um salto sonhado para a modernidade.

A fundação e concepção de Brasília é o ponto culminante de década de tentativas de implantação no meio urbano das cidades brasileiras das características de exclusão e marginalização apropriadas fragmentariamente das cidades geradas pelo capitalismo industrial europeu e norte americano, ou adequadas a ele e a gramática social calcada em padrões burgueses de diferenciação e controle sistemático para as diferentes dinâmicas das diferentes sociedades urbanas. (GARCEZ, 1998, p. 211).

Por conseguinte, Brasília tornou-se um marco de sofisticação em design urbanístico e nela centralizou-se o que era de mais inovador em critério de urbanização nas cidades brasileiras. Sua construção foi planejada e conduzida por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, arquitetos de reconhecimento internacional. Este período marcou o crescimento industrial e a abertura ao capital estrangeiro.

Esse período se caracterizou pelo progresso econômico que se manifestava no crescimento das cidades, no desenvolvimento da indústria e nas mudanças de

comportamento e de hábitos cotidianos cada vez mais sintonizados com o estilo de vida norte-americano. Indústrias multinacionais se instalam, mas cresce também o empreendedorismo brasileiro; educação, saúde e previdência social melhoram a vida de parte da população a quem essas benesses atingem. (COSTA, 2006, p.156).

Nos anos de 1950, os brasileiros acreditavam que estavam vivendo um momento inovador e que faltava pouco para o país tornar-se moderno. No dizer de Mello e Novais (1998, p. 560) “estaríamos assistindo ao nascimento de uma nova civilização nos trópicos”.

No mesmo momento em que a modernização adentrava o país, através da mídia exposta sobre a influência Norte-Americana, as pessoas se sentem atraídas por esta modernidade, e assim acabam despertando desejos que estavam oprimidos pelos “bons costumes”, tais como desejo de expor o corpo, pensamentos, etc.

Os Anos 50 proporcionaram a inquietude no “corpo” e na “alma” das pessoas. É uma fase em que o Brasil tomou um novo rumo, com a utilização dos meios de transporte ferroviário e rodoviário, ligando o país de Norte a Sul, e do Leste a Oeste. Ressalte-se também que, nessa época, estava em evidência à arquitetura, o teatro, o cinema, a televisão e o rádio que deixavam os cidadãos fissurados, ouvindo e vendo em tempo real o que ocorria no País e no mundo. Surgiu também o Baião com Jackson do Pandeiro, o Samba com Dalva de Oliveira, que cantava marchinhas de carnavais, a Bossa Nova que suaviza os ouvidos com a boa música, já que antes o som seria das máquinas industriais. Na literatura surge Jorge Amado, que traz através da sua escrita à liberdade do corpo. Este autor escreve a obra intitulada “Gabriela”, um trabalho que expõe o corpo da mulher, abordando a liberdade da personagem em viver a sexualidade sem temer os costumes tradicionais da época. Foi uma obra publicada que causara polêmica aos cidadãos que defendiam os bons costumes, no entanto, as portas da arte e da cultura no Brasil se abriram e nela o País ganhou uma outra face. (FAUSTO, 2006).

Ressaltamos o gênero musical Bossa Nova², com uma música de Lúcio Alves na década de 50 intitulada “Mulher”:

Não sei que intensa magia
Teu corpo irradia
Que me deixa louco assim, mulher
Não sei, teus olhos castanhos
Profundos, estranhos
Que mistério ocultarão, mulher

² Segundo Tinhorão (1997), o nome bossa vem de uma etimologia popular e no campo musical, fazia referência ao samba de breque para representar o novo tipo de bossa através das paradas súbitas da música com a finalidade de encaixar frases faladas. atitudes.

Não sei dizer
Mulher, só sei que sem alma ³

A Bossa Nova foi um dos gêneros musicais que contribuiu para os romances na época, como também na construção da identidade da população na década de 50, fazendo o uso do rádio e revista para divulgar as músicas que começavam a entrar no currículo de identidade dos brasileiros.

A influência da mídia se fazia sentir no cotidiano da população, que buscava adquirir tudo o que estava na moda, o que era visto na tela do cinema, nas páginas das revistas e jornais, ou na publicidade do rádio. A mídia também teve influência notória sobre os produtos de belezas destinados ao embelezamento da mulher, prometendo manter a sua aparência juvenil e bela para atrair através da sua beleza seu pretendente, namorado, noivo e esposo.

Até os aparelhos eletrodomésticos surgidos na referida época tiveram influência da mídia, sendo eles contribuintes para os afazeres domésticos desta mulher “dona de casa”, intitulada “Rainha do Lar”. Ressaltamos os eletrodomésticos que predominavam na propaganda da revista *Jornal das Moças* na página 65, no dia 28.Jun.1956, trazendo os anúncios do “Ferro Elétrico”, “Torradeira”, “Televisão”, deixando as mulheres ansiosas para poder adquirir estes produtos que trariam facilidade para realizar os seus afazeres domésticos. Segundo Rocha (1995), a publicidade é um caminho para o entendimento de modelos de relações, comportamento e da expressão ideológica da sociedade.

Figura 01: propaganda de eletrodomésticos



Fonte: *Jornal das moças*, 1958⁴

Os Anos 50 vieram a despertar através dessa mídia sequenciada dos avanços consideráveis na tecnologia, que foi de suma importância para ocorrer às mudanças na identidade das mulheres, no momento em que elas buscavam se vestir de acordo com os

³ ALVES, Lúcio. **Mulher**. Disponível em: < <https://www.ouvirmusica.com.br/lucio-alves/1749719/>> Acesso em: 24 set. 2016.

⁴ **Jornal das Moças**. Disponível em:< <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>> Acesso em: 29/08/2016

modelos explícitos nas revistas de moda da referida época, escritas e desenhadas por brasileiros sobre a influência estrangeira. Assim, salientamos essa identidade construída nos Anos 50 no Brasil, pois em meio a esta identidade, o sentimento de pertence da época crescia, por estarem vivendo a efervescências da modernidade, já que era um período em que as mulheres se apegavam as revistas, dando ênfase ao *Jornal das Moças*, para estarem na moda, até porque era uma revista conceituada em todo o Brasil.

As assinantes da referida revista sempre estavam atentas para as publicações semanais, dando destaque nas páginas voltadas para a moda, que viriam ser intitulado “Consultório da moda”, pois tudo o que haveria de moderno e sofisticado estaria publicado no *Jornal das Moças*, de modo que dentre 70 a 76 páginas publicadas semanalmente, entre 25 a 30, eram dedicadas a modelos de bordados e roupas voltadas para senhoras casadas, moças e crianças. Nos modelos da periódica, sempre havia explícito nas páginas os momentos e os dias em que as roupas cairiam bem para serem usadas.

Entretanto, no delinear das pesquisas na revista *Jornal das Moças*, na década de 50 do século XX, é perceptível o quanto as mulheres deixaram serem influenciadas por esta mídia a partir do momento em que algumas partes do seu corpo na publicidade ficaram mais explícitas. Sobre isto, ressaltamos Inês Senna: “O corpo parcialmente vestido, despido, ou desmembrado, é frequentemente usado na propaganda para vender todos os tipos de produtos, desde roupas a seguro de vida”. (SENNA, 2003, p. 193). O corte e as costuras da nova moda despertavam nas mulheres a vontade de usar os decotes dos vestidos e das blusas com maior abertura, as saias começam a “encurtar”, as roupas de praias deixando o corpo mais exposto. No intento, o corpo ganhou uma maior visibilidade e a revista, possibilitou a essas mulheres a liberdade de expor o corpo.

No mesmo instante em que abordamos sobre esta modernidade, vivenciada nos anos de 1950, e as mudanças nos hábitos e costumes dos cidadãos, sobretudo das cidades, faz-se necessário destacar que, nem todas as mulheres acompanhavam estas transformações, e a grande maioria preferia continuar com suas formas de pensar, agir e vestir, para não serem tratadas como “levianas”, entre outras denotações.

O machismo ainda imperava na década de 50 do século XX, pois havia uma concepção, como diz Pinks (2008), que nos anos 50, os conceitos de feminino e masculino eram entendidos como inerentes à natureza do homem e da mulher. Enquanto a mulher era definida por características como a pureza, a docilidade, a delicadeza, a fragilidade, e a maternidade, o homem era reconhecido por sua força, autoridade, virilidade, ousadia e poder.

Sendo assim, para reafirmar esse discurso, após a Segunda Guerra Mundial, as revistas americanas começaram a divulgar a volta da mulher ao lar.

Sabendo que o Brasil se deixou ser influenciado pela cultura americana, começou a propaganda da mulher “volta ao lar”, pois este era o seu lugar na sociedade, até porque no período da guerra, a mulher estava na fábrica, ocupando outros espaços na sociedade, tendo em vista que seu marido estava servindo ao exército. Com o término da guerra, começou o processo de conscientização através das revistas, jornais e rádio, sobre o papel da mulher ter o seu espaço reservado a ser “Rainha do lar”. Houve, desta forma, um discurso dúbio, pois ao mesmo tempo em que a mulher ocupava o espaço restrito ao público masculino nos tempos de guerra, após a guerra ela era restringida unicamente ao lar, havendo até mesmo um processo de conscientização através da mídia que, reafirmava o seu papel de “Rainha do Lar”.

Segundo Maria Izilda Mattos e Andrea Borelli, o trabalho feminino, no Brasil, sempre se fez presente. No entanto, em muitos momentos, confundia-se com os ofícios coletivos e familiares de fiar, tecer, costurar, cuidar, servir e o trabalho nas fábricas, cuja presença, em sua maioria, era de mulheres imigrantes. Entre os anos 1920 e 1940 ocorreu a diminuição da presença feminina no universo fabril, devido a uma conjuntura de fatores.

as transformações no processo de industrialização (desenvolvimento de setores tradicionalmente masculinos como o metalúrgico, o siderúrgico, e o mecânico e adoção de novos métodos de organização do trabalho). Somadas às ações (públicas, médicas do movimento operário) contra o trabalho feminino e à legislação dita protetora deste. Entretanto, apesar da tendência de diminuição da presença relativa no emprego fabril, as mulheres se mantiveram no mercado de trabalho, de acordo com o censo de 1920, 31% da população feminina acima de 21 anos e 14% com menos de 21 anos tinha empregos remunerados. Na indústria, anotava-se 30.070 mulheres, totalizando 33.7% de participação feminina sendo maioria absoluta no setor têxtil e de confecções 51%. (MATTOS; BORELLI, 2012, p.134).

E continuam:

Concomitantemente com o refluxo da participação feminina no setor industrial, as mulheres passaram a ocupar mais espaço em empregos menos visíveis e estáveis, no serviço doméstico e no domicílio. Também começaram a exercer novas funções no comércio e na burocracia dos escritórios, [...] nos estabelecimentos bancários, comerciais e de seguros, as mulheres foram incorporadas aos postos de telefonia, telegrafia, contabilidade. Todos esses empregos demandavam preferencialmente moças solteiras (consideradas mais disponíveis) ágeis, assíduas, dóceis e submissas. [...] o magistério também foi considerado adequado às mulheres por poder ser um trabalho de ‘meio período’, permitindo concatenar a atividade profissional com as obrigações do lar. [...] as áreas para as quais as mulheres eram consideradas mais aptas eram enfermagem farmácia, odontologia. (MATTOS; BORELLI, 2012, p.134/136).

Quando as mulheres assumem a medicina, de um modo geral, se especializavam em pediatria ou ginecologia. São profissões que, na visão da sociedade, precisariam ter docilidade. Este discurso de docilidade parte justamente do “ser mulher”, com a sua afetividade de mãe, e que não as distanciariam da função que eram acostumadas a exercerem: ser mãe, dona de casa e esposa,

Segundo Pinsky, (2014), por muito tempo vigoravam discursos “machistas”, que mostravam as mulheres submetidas ao sexo masculino. *O Jornal das Moças* em, 26. Set. 1954 alertava para o perigo das mulheres que trabalhavam e que tinham estudo: “O maior cuidado deve ter mulher culta é não humilhar com sua sapiência o homem que tomou para esposo. [...] a vida amorosa da mulher culta não deve diferir em nada da outra que não possui tantos conhecimentos [...]”⁵.

Nesta busca incessante de muitas mulheres, para serem inseridas no mercado de trabalho, querendo exercer uma profissão em sua vida como o sexo oposto ao seu, buscando também o direito de estudar, o seu querer se deparava com paradigma do preconceito diante dos discursos machistas da referida época, nos quais a mulher nascia e crescia para ser a “Rainha do Lar”. Todavia, não deveria buscar outra profissão a não ser aceitar o seu destino, que desde o seu berço estaria delineado, mas na dada época ela buscou mudar essa concepção. Nesta busca a mulher esteve sujeita a ser culpada em seu casamento se algo tangesse das normas impostas pelo seu marido, que seria primeiramente cuidar dos filhos, esposo e manter o zelo de sua casa. Assim, no faz ressaltar um trecho do jornal das moças.

A mulher que trabalhar fora do lar , quando não o faça por necessidade absoluta de sua subsistência ou de alguém sob seu protetorado, é quase sempre culpada da reação que os homens experimentam para como o labor feminino fora do lar, por que desdenham as velhas e tradicionais virtudes domésticas. (JORNAL DAS MOÇAS, 1945, S/P apud PINSKY, 2014 p. 179).

Embora muitas mulheres da década de 1950, mesmo tendo aprendido com a mãe e/ou com as revista da época, suas funções enquanto dona de casa e esposa, gostariam de ser inseridas no mercado de trabalho. Algumas porque preferem trabalhar, outras colaborarem na economia doméstica, uma vez que a renda do seu esposo não seria suficiente para sanar as despesas obtidas na casa. No entanto, a mulher não deveria trabalhar para contribuir com as despesas domésticas, já que esta responsabilidade era incumbida ao homem. Para ele seria uma “desonra” a sua mulher contribuir na economia da casa. “O trabalho feminino fora de

⁵ **Jornal das Moças**. Disponível em:<<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>>Acesso em: 29/08/2016.

casa passou a ser tolerado apenas como uma fatalidade da pobreza”. (MATTOS; BORELLI, 2012, p. 133).

Era prática comum entre as mulheres que trabalhavam interromper suas atividades com o casamento ou a chegada do primeiro filho. Não era muito fácil encontrar esposas de classe média trabalhando fora de casa a não ser por necessidades econômicas – situação que, de certa forma, poderia chegar a envergonhar o marido. Em geral, esperava-se que essas mulheres se dedicassem inteiramente ao lar, fossem sustentadas pelo marido e preservadas da rua. (PINSKY, 2008, p. 625).

Muito embora algumas mulheres tendo uma jornada de trabalho semelhante ao homem, seu salário seria inferior, e por muitas vezes, neste ambiente de trabalho, seu corpo era cobiçado pelo seu patrão e até mesmo havendo o abuso sexual. Ao chegar em sua residência se desdobrava para realizar as suas funções, cuidar da casa, filhos e marido, exercendo assim uma dupla jornada de trabalho. Também tinha como obrigação cuidar da beleza para ter uma estética que despertasse interesse do seu marido, de modo que ressaltamos conselho explícito em o *Jornal das Moças*: “A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.” (JORNAL DAS MOÇAS 19. Jan.1950, p. 10)⁶. De modo que as mulheres esperavam seu marido voltar do seu trabalho, com uma aparência cuidada com estes cremes “milagrosos”, pois se não mantivesse um semblante harmonioso e uma beleza atraente, correria o risco de ser trocada por uma “doidivana”⁷, sem o direito a reivindicar ao seu marido por tal ato, e também recairia sobre ela a infração por não se dedicar unicamente ao lar, correndo o risco de perder seu esposo. Sobre isto, nos afirma Pinsk.

Perder a feminilidade é, contudo, a ameaça mais comum para a mulher que trabalha e permanecer com um pesadelo terrível mesmo depois da maior aceitação social do trabalho feminino. Assim, não faltam apelos para que a mulher continue a mesma, pois ela não comete dano ao incorporar-se às atividades múltiplas se souber manter-se com toda a sua delicadeza e ternura e cuidar para que sua integridade feminina não sofra. (PINSKY, 2014, p. 181).

A revista *Jornal das Moças* ensina como estas mulheres não perderem a sua feminilidade e saber se comportar nas mais variadas situações ocorrida em sua casa e nos ambientes que estavam acompanhada com seu pretendente ou esposo. Ressaltamos um trecho de *Jornal das Moças*.

Quando você e seu preferido saem com outros casais, é sua atitude de franca, aberta a qualquer manifestação de simpatia? Ou, por infelicidade, comete-se uma série de enganos que fazem cortar um novo convite. Não queremos crer nesta segunda hipótese. O bom senso indica que você deve saber mostrar-se afável, que conhece as atitudes que cabem em cada situação, que "sente" que sabe conduzir-se para eliminar

⁶ Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/11103>> Acesso em: 21/09/2016 .

⁷ Significado Doidivana: Pessoa insensata, excêntrica, extravagante, sem prudência. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/doidivana/>> Acesso em: 10/10/2016.

todo embaraço, que todo o mundo se sente a vontade em sua companhia. (JORNAL DAS MOÇAS, 12. Jan.1950, p. 75)⁸.

De modo que mulheres se apropriassem deste conselho explícito na revista para atrair seu pretendente e também continuar a agradar o seu esposo. Assim, as mulheres ficavam fissurada pela espera da publicação da revista para ver as dicas de como comportar-se no namoro e como manter o casamento.

As revistas eram enfáticas em suas mensagens que garantiam a repressão aos comportamentos considerados desviantes ou promíscuo; diziam que as moças que assim se comportassem, ficariam impunes, poderiam, por exemplo, ser muito solicitadas pelos rapazes, ter muitos admiradores, mas não se casariam, pois o casamento é para vida toda, e nenhum homem deseja que a mãe de seus filhos seja apontada como uma dodivana. (PINSKY, 2008, p. 612).

As revistas enfatizavam a importância do casamento e como a mulher deveria se comportar para manter-se casada e seu destino se cumprir adequadamente. Assim, *Jornal das Moças* “recomenda que as mães preparem suas filhas para que sejam boas mães e donas de casa exemplares, além de mulheres recatadas e bem comportadas”. (PINSKY, 2014, p. 51).

As mulheres se apropriaram do termo “Rainha do Lar”, e muitas moças na década de 50, se aproximaram também deste termo na busca de chegar ao seu casamento, tendo em vista que, não poderiam passar dos 23 anos para casar, pois seriam chamadas de “encalhada”, “titia”, entre outros adjetivos do tipo. Havia a pressa de casar e encontrar um noivo era a principal meta. Uma das formas de encontrar este noivo seria flete em meio a “Vigilância” dos pais.

A “vigilância” era maior por parte dos pais da moça, com receio de sua filha ter relação sexual antes do casamento, buscando sempre no momento do namoro estarem presentes, nunca saíam da sala ou do alcance da visão de seus pais, até porque não cairia bem uma moça de família, estar a sós com seu namorado em qualquer ambiente.

Os pais precisam lutar contra o ambiente no sentido de que suas filhas não acreditem que o impróprio posso conectar-se sem que traga consequências e males irresponsáveis: Mas como? Com uma só arma, a única que resta: aconselhando-as, falando-lhes muito, fazendo-lhes ver a realidade da vida, mostrando-lhes o perigo. O mal está em todas as partes; no que veem, no que leem, no que ouvem. (PINSKY, 2014, p. 51).

Em meio a esta vigilância que os pais mantinham em relação as suas filhas, para que não se tornassem “levianas”, e serem consideradas uma “desfrutáveis” pela sociedade, mesmo

⁸ Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>> Acesso em: 14/08/2016.

assim as mulheres tinha uma abertura para sair de casa sem os pais, mas sempre acompanhadas com pessoas de confiança da família, para que pudessem controlar os seus passos.

Neste passeio, por vezes de carro, que a moça teria a liberdade de “fazer”, deveria ter muito cuidado em algumas liberdades cedidas ao pretendente, que poderia dentro do carro, se aproveitar do momento para tirar alguns tipos de liberdades que a causaria uma má fama. Assim, aproveitavam o ensejo deste passeio para ir ao “cinema”, “sorveteria”, “praça”, “Igreja”, “calçada na praia”, “clubes das amigas”. Era o momento do “Flerte”⁹, e possivelmente conhecer o seu pretendente, mas deveriam ser cautelosas, na forma de corresponder a paquera, com sorrisos, trocar de olhar intensos, pois não cairiam bem para as mulheres maduras, tendo em vista que “ O flerte pode evoluir para um “namoro sério” (com vistas ao noivado) ou para um namoro ligeiro, “de brincadeira”, “sem futuro”. (PINSKY, 2014, p. 57).

Eram em ambientes como o cinema que aconteciam também os flertes. Os jovens com seu grupo de amigos buscavam ir ao cinema, já que era a novidade do momento eram os filmes de romances, a moda Hollywoodiana do momento, e principalmente o primeiro beijo na “telinha”, que influenciava a ter, mais liberdade no namoro.

Os homens buscavam no namoro certa liberdade que antes não se permitira, que seria o “beijar”, e as mulheres vislumbradas com as histórias de romances vistas nos filmes, encantadas por vezes, acabavam cedendo o beijo ao seu pretendente ou namorado, salientando a revista *Jornal das Moças* com a propaganda do “Baton zande”, “Seja atraente, seja mais feminina, embelezando os seus lábios com o Baton Zande. Em tons modernos e vibrantes, o Baton Zande adere suavemente e dura mais tempo.”¹⁰ (JORNAL DAS MOÇAS 05.Jun.1952, p.71), despertando a liberdade no namoro das moças que, de acordo com o pensamento da época precisavam se manter “Recatadas”.

Essa liberdade acabava também despertando a sexualidade das mulheres na década de 50. Na efervescência dos romances, nas telenovelas explícitas nas páginas do *Jornal das Moças*, a mulher começava a se apropriar da liberdade proporcionada pelos anos 50, tendo e dando mais liberdade no namoro e noivado, salientando que as mulheres neste período

⁹ Significado de Flerte: Flertar é uma discreta insinuação de interesse entre duas pessoas. É uma empatia que surge entre olhares, atitudes ou conversas amigáveis. É uma atitude normal quando há atração física e intenção. de aproximação sem falar abertamente sobre o que se sente. Disponível em:< <https://www.significados.com.br/flertar/> > Acesso em: 10/10/2016

¹⁰ Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>> Acesso em: 16/08/2016.

continuavam sem poder discutir e receber informações sobre “sexo”, a não ser da instituição da igreja católica que abordava de forma sublime.

Nas abordagens da revista *Jornal das Moças*, a mesma se preocupava com a falta de informação sobre a temática do “Sexo”, bem como a respeito da moralidade e do patriarcalismo tido na sociedade. Nesse sentido, “dificultar o conhecimento a respeito do corpo é uma das formas de evitar que as mulheres possam expressar, sem tantos medos, a sua sexualidade”. (PINSKY, 2014, p. 128). Privando-as deste conhecimento, muitas vezes terminavam adquirindo uma gravidez indesejada, e na maioria dos casos eram abandonadas pelos seus companheiros e consideradas levianas.

No namoro e noivado haveria de ter muitos cuidados e prudência para que o jovem não enganasse a moça. Para tanto, elas não poderiam perder tempo, pois os homens neste período chegavam a ter mais de uma namorada para escolher a “certa pra casar”. Vale lembrar que nem todas as moças eram aptas ao casamento. Neste contexto, as moças passariam por uma pressão psicológica, que começava em casa com o vigiar da família até a mídia ditando os corretos tipos de comportamentos. Assinalamos a carta de uma leitora de *O Cruzeiro*, nos seguintes termos.

[..] quando uma mulher sorri [para um homem] é por que é apresentada. Quando o trata com secura é por que é de gelo. Quando consente que a beije, é leviana. Quando não permite carinho, vai logo procurar outra. Quando lhe fala de amor, pensa que quer ‘pegá-lo’. Quando evita assunto, é ‘paraíba’. Quando sai com vários rapazes é por que não se dá o valor . quando fica em casa é por que ninguém a quer [..] qual é o modo, pelo amor de Deus, de satisfazê-lo ? (carta de uma leitora- O CRUZEIRO, 08 dez.1951, p.622).

Entretanto, era um período em que as mulheres ficavam frustradas e por muitas vezes com medo, no momento em que estavam com seu pretendente ou esposo para não o desagradá-los. Destarte, as revistas tinham um papel primordial na vida destas jovens, a ensinar como se comportarem no namoro e até mesmo no noivado, já que a todo instante as moças estariam correndo o risco de perder seus pretendentes. Então, elas buscavam fazer o seu máximo para atraí-los, concordando com tudo o que eles falassem, recebendo em suas residências com sorrisos, sendo educadas, evitando ficarem isoladas em cômodos da casa, evitando algumas carícias para não parecerem levianas, não ser inteligente mas que o homem, já que isto poderia acabar afastando o namorado, evitar sair a sós com pretendente, sempre com amigas de confiança, da família, irmãos, os famosos “segura vela”, ou seja, sempre passear acompanhada para evitar má fama.

No entanto, deve ser ressaltado que neste período, as famílias não realizavam mais casamentos em “acordo” com outra família. Ficaria a critério da moça escolher seu pretendente, portanto este era discurso dúbio da época, pois a moça e o rapaz passariam por uma avaliação de ambas as famílias, no qual afirmariam se era a pessoa certa para seu filho ou filha.

A escolha do cônjuge já era então assunto dos enamorados. Mas só em tese, pois na prática a influência família e do círculo de amigos era fortíssima. Acreditava-se que dificilmente um casamento realizado contra a vontade família daria certo, o bom partido era o rapaz honesto e trabalhador, capaz de manter a família com conforto. (DEL PRIORE, 2012, p. 290).

A partir deste momento ela deveria ser a mulher perfeita, que desde o amanhecer ao anoitecer estaria com bom humor para receber ao seu marido e nunca incomodá-lo com problemas de casa, até mesmo pessoal, pois o marido não haveria obrigação de resolver tais assuntos que compete à esposa. Já o marido teria a obrigação manter financeiramente a casa e sempre em momentos oportunos demonstrar a sua virilidade. Era primordial a mulher não somente cuidar do lar, dos filhos e seu esposo, mas também da sua beleza. Era um único meio em que encontrava para o marido não ir em busca de “outras”, e mesmo quando envolvido com as “fulanas”, ela deveria manter-se neutra como se não soubesse o que estava acontecendo, nunca questioná-lo para onde e com quem estivesse saindo, pois poderia irritá-lo, e levar ao término do casamento.

No que concerne à mulher é certo que [...] nesta última década seu raio de ação e atividade foi ampliada [...] mas não é menos verdade que o trabalho de dona de casa continua o mesmo[...] como em todos os tempos, nossa regra primordial consiste em nos dedicamos ao bem-estar da família, enquanto nossos maridos se empenham em mantê-la.(JORNAL DAS MOÇAS, 2 abr. 1959.)¹¹.

Na década de 50, ser mulher separada, seria ter uma reputação reprovável perante a sociedade, pois caso isso ocorresse, a mulher estaria à margem da sociedade. A todo instante a mulher estava submetida aos caprichos do homem. Estas esposas viviam a todo o momento encurraladas a “prisão domiciliar”, onde tudo deveria ter precaução para não desagradar ao seu homem.

A boa companheira seria capaz de adivinhar os pensamentos do marido; amar sem medir sacrifícios visando única e exclusivamente a felicidade do amado; receber o marido com atenção todo o dia quando ele chegasse em casa; manter o bom humor e a integridade da família; interessar-se por vários assuntos para poder conversar com o marido e ser uma boa anfitriã – e não envergonhá-lo na frente dos amigos -, saber falar e calar nas horas certas, quando o marido está cansado ou aborrecido. (PINSKY, 2008, p.628).

¹¹ Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>> Acesso em: 16/08/2016

A esposa diante de todas essas normas que a ela foi ensinada, através da educação familiar, e até mesmo a própria mídia, seja a revista, seja a televisão, seja o rádio, seja o cinema da época, o homem subentendia que ele não poderia em nenhum momento deixar a mulher desviar desta conduta, pois o mesmo detinha o “poder” no centro da família. Para que esse “poder”, fosse vigorado cotidianamente, aproveitava-se sempre para expor a sua virilidade, fazendo com que a mulher o temesse, mas além do que temer fisicamente, a sua força “brutal”, temeria uma separação, e no entanto, o homem se apropria da sua liberdade enquanto ser “masculino”, para a submeter seus caprichos e assim exercer seu poder no lar ao qual habitava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerrar, finalizar, concluir. Tal ação não é simples de realizar, pois devido que trata-se de uma atividade difícil de fazer, de colocar a última “virgula”, ou até mesmo o último “ponto” final, em uma produção que vem abordar o cotidiano das mulheres nos Anos 1950, ainda mais no caso deste trabalho que, pairou na análise baseada na revista *Jornal das Moças*, que a tanto tempo se fez presente na vida de centenas de mulheres ao longo de décadas, em meados do século XX.

Durante a escrita e pesquisa deste trabalho, percebemos as transformações ocorridas nos Anos 50, desde o processo de urbanização no governo de JK, dos avanços tecnológicos na industrialização que fora de suma importância para o crescimento do Brasil, bem como pelo processo da construção da identidade cultural que se fundia neste período, através da mídia que deixava ser influenciada pelas propagandas estrangeiras.

Portanto, o trabalho buscou abordar através das pesquisas realizadas, em uma das revistas conceituada da época, no que diz respeito ao gênero feminino, o quanto a mídia tinha influência sobre o cotidiano destas mulheres que se apegavam as propagandas do *Jornal das Moças* para saber se portar na sociedade que vivia em momento dúbio, por vezes, conservadora, e em outros momentos vivendo a efervescência da modernidade, proporcionada pelas propagandas que levavam o desejo de consumismo de todos os produtos que se encontravam em ascensão no momento.

As assinantes de *Jornal das Moças* foram mulheres que ficavam atentas para acompanhar o que haveria de mais moderno e sofisticado na sociedade, seja nos cosméticos

de beleza, seja nas roupas, seja nos eletrodomésticos que viriam a contribuir no trabalho doméstico. Ao tempo em que também se apropriavam dos conselhos relacionados a comportamentos sócias, tais como: “namoro”, “noivado” e “casamento”, para manter uma boa reputação de “moça de família” e “boa esposa”.

Muito embora, considerando a incompletude desta pesquisa diante da abrangência de discussão que pode ser levantada ao analisar a revista *Jornal das Moças*, acreditamos que foi possível trazer para o cenário histórico, o cotidiano de mulheres, em meio a um Brasil que vivenciava os anos dourados, enquanto muitas dessas mulheres viviam como “Rainhas do lar”, esperando a felicidade através do casamento, do lar e do esposo.

Por fim, deve-se destacar que a mídia da época contribuiu para que essas mulheres se mantivessem no lugar de “recatadas”. Portanto a variedade de revistas voltadas para o cotidiano da mulher, ditando receitas, comportamentos, moda e publicidade eram significativas na época, e o sucesso era garantido. Em outras palavras, a mídia exercera uma grande influência sobre as mulheres dos Anos 1950.

ABSTRACT

THE DAILY LIFE OF WOMEN, IN BRAZIL IN THE YEARS 50 THE JOURNAL FROM NEWSPAPER OF YOUNG WOMEN

This paper aims to conduct a women's everyday approach that sought in the magazines of the 1950s, such as the Journal of Young Women, among other magazines, beauty advice on, fashion, dating, engagement and marriage and how to behave in various environments they were. Therefore, these women appropriated the information to be inserted in the rules of conduct that society determined. The magazine emphasized the role of women as queen of the home and recommended that mothers prepare their daughters to be modest, good mother, wife, and homemaker.

Daily; Women; Magazine.

REFERÊNCIAS

COSTA, Cristina. **Censura em cena:** Teatro e censura no Brasil. São Paulo: Edusp, Fapesp, Imprensa oficial, 2006.

DEL PRIORE, Mary (Org). **História das mulheres no Brasil.** 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato. **Uma breve História do Brasil.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. Neves. (Orgs). **O tempo da experiência democrática:** da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FREITAS, Ricardo Ferreira. Comunicação, consumo e moda: entre os roteiros das aparências. In: **Comunicação, mídia e consumo.** São Paulo, vol. 3, n. 4. p. 125-136, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaomidiaeconsumo/search/titles?searchPage=2>> Acesso em: Ago. 2016.

MATTOS, Maria Izilda; BORELI, Andrea. “Espaço feminino no mercado produtivo”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres.** São Paulo: Contexto, 2012.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. “Capitalismo tardio e sociabilidade moderna” In: SCHWARCZ, Lília M. **História da vida privada no Brasil:** contrastes da intimidade contemporânea. Rio de Janeiro: Companhia das Letras. 1998. (Vol. 4).

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados.** São Paulo: Contexto, 2014.

ROCHA, Everardo Pereira. **A sociedade do sonho:** comunicação, cultura e consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 1985.

SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1998. (Vol. 3).

TINHORÃO, José Ramos. **Música Popular**. Um tema em debate. 3 ed. São Paulo: ed. 34, 1997.

FONTES:

JORNAL DAS MOÇAS. Disponível em: <[www.http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031](http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031)> Acesso em: Julho de 2016.

DICIO. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/doidivas>> Acesso em: 10/10/2016.

SIGNIFICADO. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/flertar/>> Acesso em 10/10/ 2016.

ANEXOS

TABELA: Imagens das capas da Revista Semanal *Jornal das Moças* pesquisadas (1950-1959).

				
				
				
				
				



